

No Centenário do Nascimento de João de Meira

Fez em 31 de Julho precisamente 100 anos que nasceu João Monteiro de Meira, aquele «rapaz de aspecto sisudo, olhos muito azuis, aveludados, sempre postos no chão, num ar meditativo que fazia contraste com a despreocupação fútil dos estudantes daquele tempo», conforme o retrato que dele nos dá o Prof. J. A. Pires de Lima, ao relembrar, em 1926, a matrícula de João de Meira, cerca de 30 anos antes, na antiga Academia Politécnica.

Foi em 1907 que João de Meira fez a sua dissertação inaugural, premiada com a classificação máxima de 20 valores. A sua tese é um valioso trabalho sobre a história, demografia e nosografia do concelho de Guimarães, incidindo, principalmente, sobre a pelagra, doença então aqui frequente, obra esta que lhe escancarou as portas do magistério no concurso que, um ano depois, se abriu para um lugar de professor da Escola Médica do Porto, a que João de Meira concorreu, classificando-se em primeiro lugar.

Vivia-se, então, um período agitado no meio académico. Meira, porém, «não pensava como os outros: enquanto a mocidade académica preparava inconscientemente a desordem em que hoje nos debatemos, ele discordava em voz alta da corrente dominante e tinha a coragem de se fazer respeitar fosse como fosse, não hesitando até no emprego de meios bem enérgicos», ainda no testemunho de J. A. Pires de Lima, que acrescentava: — «Foi o Meira um corajoso homem de carácter; defendia em qualquer campo as suas convicções, era sempre o mesmo, não se curvava perante a imposição do número e triunfou sem lisonjear ninguém».

Fazia ele parte de um reduzido grupo de amigos em que se contavam José Bruno, Joaquim Costa, Paulo Osório, Rodrigo Solano, Castro Lopes, que tinham por centro ora a livraria Sousa Brito, na Rua do Almada, ora o café — restaurante do Camanho, na Praça Nova, então muito afamado e que muitos anos depois ainda vim a conhecer, quando frequentei a Escola Raul Dória.

Com seus 17 anos, João de Meira escreveu nas gazetas do tempo, como a *Parvónia* e a *Memória*, artigos algo causticantes de crítica social, à mistura com alguns sonetos, pois João de Meira também tinha queda para a poesia. Com o mesmo vigor colaborou nas folhas médicas humorísticas da Academia Portuense, aí por 1902-1903, causticando com *Pontas de Fogo* ou amenizando com *A Pasta*, tornando-se assim notado por parte dos seus condiscípulos, alguns dos quais o olhavam de soslaio ou não o compreendiam.

Imitou magistralmente, Sá de Miranda, Bernardes, António Vieira e Camilo, e o estilo de Antero, Herculano, Ramalho e Eça, numa linguagem tersa, sonora, bem portuguesa, denotando mais intensamente a sua erudição e o seu espírito crítico o estudo que intitulou *Influências estrangeiras em Eça de Queirós*, do melhor que se tem produzido acerca deste discutido romancista. Escreveu também contos e crónicas históricas de carácter médico-forense sobre a morte de D. Pedro V e da Rainha D. Estefânia, sobre a lepra do Marquês de Pombal e os gafos do Nobiliário.

Por 1912 João de Meira tentou, com muita felicidade, o romance ou novela policial escrevendo dois curiosíssimos contos sobre Sherlock Holmes no Porto, empregando o mesmo espírito dedutivo do médico britânico, Conan Doyle, mas encobrendo-se sob o pseudónimo anagramático de «Donan Coyle», tornando-se, deste modo, um dos mais notáveis precursores deste género de literatura policial.

Amadurecido o seu espírito, mais ponderado na sua maneira de ser, voltou-se para a história de Guimarães, que lhe servira de tema na elaboração de «*O Concelho de Guimarães*», e se foi continuando em «*Subsídios para a História Vimaranesa no tempo do Prior do Crato*», nos quais deixou bem vincadas as suas altas qualidades de historiógrafo e de crítico que se estenderam à *Revista de Guimarães* e ao *Arquivo de História da Medicina Portuguesa*, entre outros.

O Abade de Tagilde reconheceu-lhe essas qualidades, pois dias antes de morrer quis passar a João de Meira o trabalho da continuação e conclusão dos *Vimaranis Monumenta Histórica*, que iniciara.

O Abade de Tagilde, João Gomes de Oliveira Guimarães, faleceu a 20 de Abril de 1912. Um ano apenas lhe sobreviveu João de Meira, que faleceu a 25 de Setembro de 1913, com 32 anos.

E os *Vimaranis Monymta Histórica* não encontraram continuadores.

Por sugestão minha foi o seu nome ilustre dado a uma das nossas escolas, e deste modo a memória de João de Meira fica a perdurar na gratidão dos vimaranenses.

Manuel Alves de Oliveira